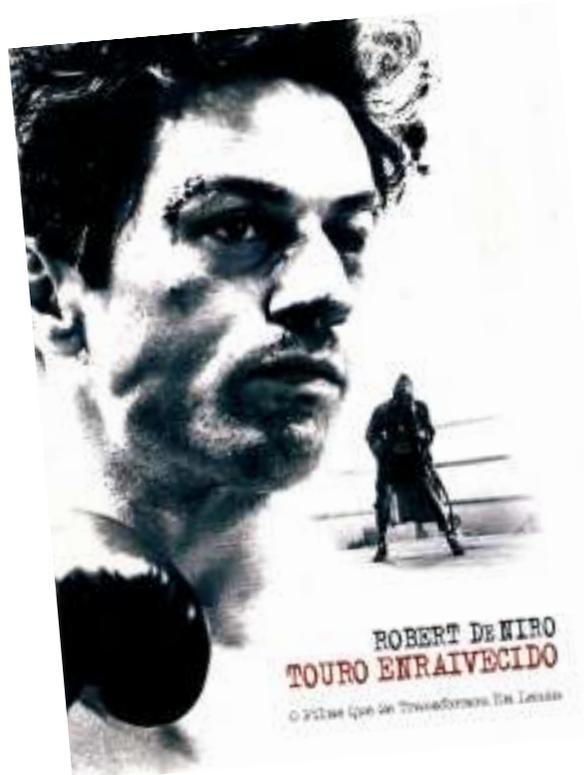


Touro Enraivecido

Título: Touro Enraivecido;
Realizador: Martin Scorsese;
Produtor: Robert Chartoff e Irwin Winkler;
Argumento: Paul Schrader;
Edição: Telma Schoonmaker;
Ano: 1980
Áudio: Surround;
Vídeo: 16:9;
Duração: 123 minutos

«All i know is this:
Once i was blind
and now I can see»



História: Jake La Motta é um *boxeur* de Nova Iorque, campeão de pesos-médios, que ambiciona ser campeão de pesos-pesados. Na sua luta com o peso (primeiro para o ganhar, depois para o perder), Jake revela-se uma personagem auto-destrutiva e perturbada, que acaba sem glória e sem as três coisas mais importantes da sua vida: o boxe, o seu irmão Joey (Joe Pesci) e a sua mulher Vickie (Cathy Moriarty).

Crítica: Antes de mais nada, este é, sem sombra de dúvidas, o grande

filme de Scorsese, mesmo contando com *Goodfellas – Tudo Bons Rapazes* (1990). Com uma reacção algo dividida na altura do seu lançamento, com a crítica a dividir-se entre «banal» e «clássico imediato», este não é um filme fácil, longe da lógica de «entretenimento» do cinema americano. Mas com o passar dos anos *Raging Bull* conquistou o seu lugar ao sol, sendo considerado quase unanimemente o melhor filme dos anos 80 (uma década perdida para a cultura?) e um dos melhores de Marty.

Este projecto era à partida algo suicida, como o são tantas vezes as obras-primas. Scorsese, abatido com o falhanço de *New York, New York*, encontrava-se em péssimas condições, sofrendo simultaneamente de asma, depressão e de uma forte dependência de cocaína, já para não mencionar a sua muito pouca fé no projecto, no qual apostou devido à muita insistência de De Niro ao longo dos anos. Já De Niro, uma estrela em ascensão, arriscava tudo numa personagem à qual não faltava nada para ser odiada pelo público, apenas por teimosia. Joe Pesci era na época um actor falhado, completamente desconhecido. E a história de um *boxeur* violento e perturbado, filmada a preto e branco, com uma estrutura lenta, quase em documentário, no estilo ascensão e queda de um desconhecido lutador, não é propriamente tão apelativa com a de um «herói» como Rocky.

Mas todos estes contras se revelaram vantagens. Scorsese, finalmente vencido, apostou tudo neste filme, porque acreditava que seria o seu último. De Niro, provavelmente





radiante por finalmente ter conseguido que Scorsese fizesse o filme, tem aqui uma dedicação à personagem



que será uma das maiores de sempre na história de todo o cinema. Para além do seu conhecimento da autobiografia de Jake e dos seus contributos para o guião, De Niro ganhou primeiro muita massa corporal e depois muito peso (para representar a evolução de Jake), esteve mais de um ano a treinar boxe (chegando a fazer três combates), já para não falar na sua

obsessão com Jake, chegando a fumar os mesmos cigarros que este, para estar completamente dentro da personagem. Felizmente a Academia não foi tão míope como algum público e alguns críticos, percebendo logo ali o alcance da interpretação de «Bob», atribuindo-lhe o Oscar de Melhor Actor em 1981 para juntar ao de Melhor Actor Secundário em 1975 com *O Padrinho II*. Este foi o seu últi-



mo Oscar, apesar das muitas nomeações (já chegou a 1981 com duas,

aliás). Joe Pesci, talvez presentindo que não teria muito mais oportunidades, entrega-se com toda a alma a um papel que interpreta na perfeição, e que é um claro aquecimento para o seu inesquecível *gangster* demasiado susceptível em *Goodfellas*. Para aumentar a veracidade da relação de irmão entre os actores, os dois viveram juntos durante algum tempo antes das filmagens. A opção



pelo preto e branco, que foi questionada por medo de acusações de pretensiosismo, dá uma dimensão épica ao filme, dando-lhe um ar de *film noir* que, adicionada ao formato intimista e de documentário biográfico, o torna um clássico. O final triste e solitário, ao contrário de *New York, New York*, faz aqui todo o sentido e nem poderia ser de outra forma, com referências a Marlon Brando em *The Waterfront – Há Lodo no Cais*, e à Bíblia, com a frase: *Once I was blind and now I can see*.

Extras: Tratando-se da versão comemorativa dos 20 anos do filme e, para mais em edição dupla, a expectativa era grande nesta matéria. Para além do *trailer*, temos apenas dois documentários, com legendas em inglês apenas claro: *The Bronx Bull* e *Jake's Jokes*. O interesse do segundo extra é duvidoso, trata-se apenas de uma selecção de piadas de Jake La Motta. O primeiro tem como principal foco de interesse a entrevista com Telma Schoonmaker, a editora do filme (que ganhou também o Oscar), que dá uma perspectiva muito interessante do mesmo e que foi uma peça decisiva na suja elaboração. Mas é muito pouco para uma edição comemorativa dos 20 anos.

Conclusão: Uma obra-prima do cinema e o melhor filme de Scorsese. De Niro, Pesci, a realização, a edição, a história, tudo. Imperdível.

eMail: jorgemg1984@gmail.com